

Obsessão com inflação amarra o crescimento

ARNALDO GALVÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

Reformar o regime de metas de inflação para torná-lo mais flexível é uma das principais propostas discutidas pelos que criticam a rígida política monetária. O amargo remédio dos juros exageradamente altos para combater a inflação tem, segundo essa análise, uma causa: o Banco Central (BC) domina o Conselho Monetário Nacional (CMN), também integrado pelos ministros da Fazenda (Antonio Palocci) e do Planejamento (Guido Mantega). Portanto, há pouca gente decidindo qual é a meta mais adequada e o prazo mais razoável para cumpri-la.

Para o professor das escolas de Economia e Administração da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo, Paulo Nogueira Batista Júnior, é um equívoco buscar rapidamente índices de inflação de primeiro mundo. "Por que não buscar uma redução mais gradativa da inflação? Palocci garantiu que não ia cometer erros novos, mas não está cumprindo essa promessa. Estamos há quase 25 anos sem crescer em ritmo sustentável. Com essa política, vai continuar assim", alerta.

Para que isso seja possível, Batista Júnior defende uma reforma que deixe o CMN mais arejado. Pela sua proposta, outros ministros mais ligados ao setor real da economia — Desenvolvimento, Agricultura e Trabalho, por exemplo — também teriam direito à voz, juntamente com representantes de empresários, trabalhadores e acadêmicos.

Apesar das suas críticas à política monetária, o professor da FGV reconhece que é arriscado baixar bruscamente os juros porque não dá para saber exatamente quais seriam os efeitos na economia. "O melhor é baixar aos poucos. Reduzir bruscamente é algo incompatível com a meta de inflação. Minha proposta permite uma Selic em 10% ou 11% nominais em dezembro. Não é possível manter esse passo de cágado", diz Batista Júnior.

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, professor de economia na Unicamp e secretário de Política Econômica nas gestões dos ministros da Fazenda Dilson Funaro e Luís Carlos Bresser Pereira (1985-1987), também apóia essa oxigenação do CMN. "A gestão econômica é incompetente, sobretudo a do Banco Central. Além do exagero nos juros, também ofereceram ao FMI um su-

perávit primário (4,25%) maior que o combinado no governo anterior (3,75%) e ainda fizeram um aperto maior, de 4,32% do PIB. Discutir se Palocci fica ou sai é apenas tumultuar. O problema não é pessoal, é da gestão", critica Belluzzo.

A política econômica, na análise do professor da Unicamp, tem de manter um equilíbrio entre proteger a moeda e preservar a atividade. Se não fosse assim, seria dispensável. Mas o fato é que a política monetária provocou queda na atividade e, portanto, não foi equilibrada. "Seria desejável que o regime de metas não esmagasse a inflação, mas coordenasse as expectativas. Por que não admitir um prazo maior para atingir a meta? Por que não num intervalo de dois anos?", sugere.

Palocci na berlinda

Sobre o bate-boca mais intenso que foi inaugurado recentemente contra a gestão do ministro Palocci, Belluzzo afirma que o governo tem respondido com exagero às críticas. "Ninguém defende a volta da inflação ou está pedindo loucuras. Temos uma vulnerabilidade externa enorme e sabemos disso. A discussão não é entre loucos e sensatos", protesta o professor da Unicamp.

Mas também é fácil encontrar defensores de Palocci tão qualificados como seus críticos. Um deles é Marcílio Marques Moreira, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro. Ele também foi ministro da Fazenda no governo de Fernando Collor (1991-1992) e assessor do ministro da Fazenda San Tiago Dantas em 1963. "A condução do Palocci está impecável. Em um regime de liberdade, reverteu um quadro que beirava o caos para uma base de crescimento da economia. Ele tem sabedoria para conduzir políticas públicas", afirma Moreira.

Quanto ao Banco Central, Moreira também afirma que a política monetária tem sido prudente. "Seria uma insanidade mudá-la quando ela começa a dar seus primeiros resultados", adverte. Mas sua crítica recai sobre as políticas microeconômicas, que, no seu julgamento, não estão acompanhando a qualidade das políticas macroeconômicas. Isso pode comprometer o crescimento sustentado. "Falta marco regulatório para energia elétrica, e isso afasta investimentos indispensáveis. É o retrocesso mais evidente. Em saneamento e rodovias, esse quadro crítico também ocorre", afirma.

NA MINHA OPINIÃO //

A POLÍTICA ECONÔMICA DEVE MUDAR?



DELFIN NETTO

Deputado federal, ex-ministro da Fazenda

"Os investidores, nacionais e estrangeiros, se retraiem com essas bobagens de mudar radicalmente a política econômica. A escolha do (Antonio) Palocci (ministro da Fazenda) foi extremamente feliz.

Pior que o teatro das eleições é que tem muita gente que acredita em críticas equivocadas"



MAÍLSON DA NÓBREGA

Consultor e ex-ministro da Fazenda

"Se amanhã o governo resolver cair no canto de sereia dos que pregam a mudança na política econômica, a guinada será percebida pelos mercados e sua avaliação negativa se transformará, em tempo real, na perda da confiança, no aumento da percepção de risco, fugas de capital, desvalorização brusca da moeda, queda das bolsas e assim por diante"



MARCÍLIO MARQUES MOREIRA

Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro e ex-ministro da Fazenda

"A condução do Palocci está impecável. Em um regime de liberdade, reverteu um quadro que beirava o caos para uma base de crescimento da economia. Ele tem sabedoria para conduzir políticas públicas"



PAULO NOGUEIRA BATISTA JÚNIOR

Professor de economia

"Por que não buscar uma redução mais gradativa da inflação? Palocci garantiu que não ia cometer erros novos, mas não está cumprindo essa promessa. Estamos há quase 25 anos sem crescer em ritmo sustentável. Com essa política (de metas inflacionárias), vai continuar assim"



LUIZ GONZAGA DE MELLO BELLUZZO

Professor de economia e ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda

"A gestão econômica é incompetente, sobretudo a do Banco Central. Mas além do exagero nos juros, também ofereceram ao FMI um superávit primário (4,25%) maior que o combinado no governo anterior (3,75%) e ainda fizeram um aperto maior, de 4,32% do PIB. Discutir se Palocci fica ou sai é apenas tumultuar. O problema não é pessoal, é da gestão"